

## O cenário da música erudita em Vitória

Livia Rodrigues Batista

### Resumo

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de iniciação científica vinculada ao projeto *A Música e O Lugar da Música* (coordenado pela Profa. Mônica Vermes) e buscou documentar e fomentar discussões sobre o cenário atual de música erudita existente na capital Vitória, apresentando breves históricos de dois importantes grupos orquestrais da cidade, a Orquestra Filarmônica do Espírito Santo (Ofes) e a Camerata Sesi, e da Faculdade de Música do Espírito Santo “Maurício de Oliveira” (Fames), assim como breve histórico da música no Estado do Espírito Santo. Para sua composição, foi realizada pesquisa bibliográfica, além de entrevistas com representantes das instituições e do público envolvido. A partir de tais revisões bibliográficas e entrevistas ficou claro que o cenário de música erudita em Vitória sempre esteve vinculado a representantes não oriundos do próprio Estado – sendo estes brasileiros ou não –, assim como as melhorias apontadas parecem estar relacionadas com a vinda de músicos de outros estados brasileiros ou que ao menos obtiveram formação acadêmica fora do Espírito Santo.

**Palavras chave:** música erudita, Vitória (ES), orquestra, grupos sinfônicos.

### Introdução

A presente pesquisa<sup>1</sup> teve como objetivo documentar, mapear e fomentar a discussão acerca do espaço ocupado pela música instrumental de concerto na capital do Espírito Santo.

O interesse pela pesquisa surgiu do desejo de conhecer o cenário da música erudita na cidade uma vez que estudo um instrumento orquestral e resido na Grande Vitória. Busquei conhecer o histórico das instituições de maior representatividade na capital e compreender melhor o cenário em que os estudantes de instrumentos utilizados em orquestras estão inseridos.

Historicamente, o cenário conta com participação de músicos de diversas nacionalidades e naturalidades, sendo inclusive em número maior do que o de representantes naturais do Espírito Santo. Destaco que a maioria destes – se não a totalidade – em algum momento de sua formação musical adquiriu formação musical

---

<sup>1</sup> A pesquisa foi realizada com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes).

em instituições de outros estados brasileiros, assim como os oriundos de outros estados brasileiros passaram por outras capitais antes de fixarem-se em Vitória.

Além disso, estrangeiros estiveram presentes e deixaram alguns legados: tradições culturais ligadas à música e iniciativas em prol da música erudita. Sendo assim, nota-se uma migração da música através de pontos de vista, técnicas e experiências as quais circulam na capital Vitória a partir de tais agentes.

## **Breves históricos**

### ***1.1 Espírito Santo***

A primeira referência à arte musical no Espírito Santo data de 1552, a partir do “músico e cantor” português Francisco de Vaccas, que à época já produzia música na capitania. Outro dentre os primeiros registros de atividades sócio-culturais data de 1804, quando o fidalgo e governador da província D. Manuel Vieira de Albuquerque e Tovar mandou buscar “músicos-mestres da Bahia e do Rio de Janeiro, para exercitarem os músicos amadores nos instrumentos recebidos de Portugal” (Thompson, 2011: 28).

Registros históricos mostram que os jesuítas usavam canto e instrumentos para suas práticas religiosas e a presença destes grupos contribuiu para a prática e ensino musical na então província. Com a expulsão dos mesmos, em 1760, as práticas musicais e relacionadas à música como instrumento de catequese, construção de instrumentos, ensino e outros deixam de existir e a “ilha de N. S. da Vitória se entrega a partir de então às iniciativas promovidas pelas irmandades leigas, e pontualmente pelo poder real, depois imperial”. (Dias; Fonseca; Secomandi, 2008: 60)

Outras ordens religiosas estavam presentes na Vila de Nossa Senhora de Vitória antes dos jesuítas, mas pouco se sabe sobre as atividades musicais que aconteciam dentro dos muros dessas irmandades. Entretanto, é sabido que em 1830 nasceram delas duas bandas importantes para a história da música no Espírito Santo: a Filarmônica Caramuru e a Phil’Orfeônica Rosariense, também conhecida como Peroás.

Concomitantemente existia também a banda de música da Polícia Militar, além de clubes e associações de música, ópera e teatro de variedades. No ano 1908 foi criada uma orquestra dentro da corporação da Polícia Militar. Esta contava com 26 músicos e um Mestre de Música.

Até a fundação da Escola de Música do Espírito Santo (Emes) em 1954 a educação musical estava restrita às classes mais altas da sociedade e acontecia apenas

em instituições privadas – escolas regulares ou específicas – ou em aulas particulares. É de 1929 a lei que obriga aulas de educação artística nas escolas, nas quais era inserida a prática musical.

O cenário da música erudita no Espírito Santo começou a mudar na década de 1950, quando o poder público passou a valorizar um pouco mais o setor cultural e educacional. Os investimentos geraram instituições como o Instituto de Belas Artes, a Escola de Música e a Universidade Estadual do Espírito Santo<sup>2</sup>.

A presença de imigrantes (alemães, italianos, suíços e austríacos) no Espírito Santo também deixou legados. Suas obras e instrumentos ainda podem ser encontrados em alguns arquivos pessoais e, principalmente, as tradições de lutheria e archeteria, as quais ainda estão presentes. Luthiers do interior do Estado (do município de João Neiva) já conquistaram prêmios nacionais na área e o título de “melhor arco do Brasil” é de archetiers de outro município do Estado (Domingos Martins), onde também são encontrados descendentes dos citados imigrantes.

Não se pode esquecer que por muito tempo o Estado do Espírito Santo serviu apenas de barreira para outros estados da região Sudeste e nunca foi visto como centro de fluxos econômicos e eventos culturais. Por conta desse descaso, houve um grande e prejudicial atraso no desenvolvimento cultural, fazendo com que as artes recebessem papel secundário, tornando baixas as perspectivas com o trabalho artístico e obrigando os músicos a se mudarem para outros estados.

### ***1.2 Faculdade de Música do Espírito Santo “Maurício de Oliveira” (Fames)***

A Escola de Música do Espírito Santo foi criada pela lei nº 661 de 12 de agosto de 1952 sob a denominação Instituto de Música do Espírito Santo<sup>3</sup>, mas só iniciou seus trabalhos em 1954. Essa troca de nomes foi efetivada a partir da lei nº 806 de 5 de maio de 1954, que também a incorporava à recém criada Universidade do Espírito Santo. Destaco que esta incorporação nunca chegou a se efetivar – apesar das diversas tentativas nesse sentido.

A escola não tinha sede própria e suas atividades se davam nas dependências do Grupo Escolar Irmã Maria Horta, localizada na Praia do Canto, sob direção da musicista paulista Ricardina Stamato. De acordo com Thompson (2011: 40), a criação da Emes tinha como um dos objetivos conter o êxodo de músicos que, caso tivesse

---

<sup>2</sup> Federalizada posteriormente, no governo do presidente Juscelino Kubitschek.

<sup>3</sup> Em 1923 fora criado o Instituto de Música, porém não entrou em funcionamento.

condições, migravam para centros culturais mais desenvolvidos em busca melhor formação musical.

Em 1969 a escola foi transformada em uma autarquia educacional<sup>4</sup> para atender a uma das exigências para que o curso superior fosse regulamentado. Posteriormente a instituição mudou-se para o prédio da Secretaria de Educação e Cultura, localizado no centro de Vitória, onde permanece até hoje.

No ano de 1992, para suprir a falta de professores na instituição, foi realizado um concurso público. Apesar das vagas não serem todas preenchidas, os professores aprovados trouxeram renovação para a instituição. No ano seguinte houve outro concurso a fim de preencher as vagas remanescentes.

Anteriormente ao concurso, foi firmado um convênio com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) através do qual professores da Universidade iam à Escola de Música ministrar aulas e assim suprir a insuficiência de corpo docente.

A política inflacionária adotada pelo Governo Federal fez com que acontecessem várias perdas salariais e muitos professores que entraram pelo recente concurso saíram da escola. Somando isso à saída dos professores que se aposentaram por tempo de serviço, o déficit no quadro docente aconteceu novamente.

Na segunda metade da década de 1990, foi anunciado que as autarquias deveriam demitir 50% de seus servidores. Paralelamente, havia a ameaça de que a escola seria extinta caso não fosse transferida para a UFES. Segundo Carneiro e Ribeiro (2010: 104), isso gerou mobilizações que contaram com apoio de vários setores da sociedade capixaba e também de músicos de outros estados brasileiros. Tal movimento (chamado “S.O.S Escola de Música”) conseguiu reverter o quadro.

Em 1998 a Escola de Música ainda era vista como uma instituição elitista. Buscando aproximar a escola e a comunidade, o então diretor Nelson Gonçalves Filho fez ampla divulgação dos cursos já existente e implantou cursos de extensão com ênfase em música popular.

No ano 2004 aconteceu uma grande mudança para a instituição: após 50 anos ela passaria a ser denominada Faculdade de Música do Espírito Santo (Fames).

Segundo Heloiza Schaydegger, diretora da instituição à época, o principal motivo da mudança de nome foi que, de acordo com a lei de Diretrizes e Bases da Educação

---

<sup>4</sup> Autarquias são entidades auxiliares da administração pública estatal, autônomas e descentralizadas. São instituições criadas por lei para executar atividades típicas da administração pública. Possuem patrimônio e receita próprios, porém, são tuteladas pelo Estado.

Musical, a nomenclatura “Escola de Música do Espírito Santo” estava incorreta para uma instituição de ensino superior. Outro aspecto destacado por Heloiza é que os capixabas associavam a escola a um lugar de pequenos cursos e poucos sabiam da existência do curso superior. (Carneiro e Ribeiro, 2010: 119)

A mesma lei que alterou o nome<sup>5</sup> legalizou os cursos de graduação e incluiu no Bacharelado em Música com Habilitação em Instrumento as modalidades existentes atualmente.

A partir de 2008, a Faculdade passou a contar com o Departamento de Extensão e Pesquisa, cujo objetivo era realizar interlocução com a comunidade. No ano seguinte a faculdade trocou novamente o nome, desta vez para Faculdade de Música do Espírito Santo “Maurício de Oliveira”, como forma de homenagear o violonista capixaba ex-professor e ex-diretor, que falecera no mesmo ano.

Atualmente a Faculdade de Música do Espírito Santo “Maurício de Oliveira” está consolidada na memória capixaba e no cenário musical local, oferecendo diversos cursos que atendem a diferentes faixas etárias com o ensino tanto de música erudita quanto popular. Além disso, mantém cerca de 30 grupos oficiais, que integram alunos, professores e comunidade e funcionam como laboratórios de prática instrumental em conjunto.

A inclusão da Faculdade de Música do Espírito Santo neste trabalho se deu pelo fato de que, atual e historicamente, a maioria dos estudantes de música da capital passa por ela em algum momento de sua trajetória musical. É única instituição pública para ensino de instrumentos e conta com curso superior de licenciatura e bacharelado com habilitação em instrumentos, assim como diversos cursos (entre eles formação instrumental, musicalização infantil, musicografia braile e outros).

### ***1.3 Orquestra Filarmônica do Espírito Santo (Ofes)***

Para começar, um esclarecimento: a Orquestra Filarmônica do Espírito Santo (Ofes) é financiada pelo Governo do Estado. Logo, pela tradição de nomenclatura, deveria se chamar Orquestra Sinfônica do Espírito Santo (Oses). Entretanto, ao longo de sua trajetória, a orquestra, por razões diversas, mudou várias vezes de nome. Depois de ser Orquestra de Câmara da Emes e Orquestra da Fundação Cultural/DEC (Departamento Estadual de Cultura) passou a ser Orquestra Clássica, Orquestra do Espírito Santo, se transformou em “Filarmônica” e chegou a Orquestra Sinfônica do

---

<sup>5</sup> Lei Complementar nº 281 publicada no Diário Oficial do Estado do Espírito Santo em 18 de março de 2004.

Espírito Santo, posteriormente retornando a denominação Orquestra Filarmônica do Espírito Santo (Ofes)<sup>6</sup> nome adotado até hoje.

Do ponto de vista da formação dos músicos, preparo de instrumentistas, primeiras apresentações públicas, divulgação da música erudita, a “semente” da Ofes foi plantada em 1962<sup>7</sup>, com o conjunto de cordas da Emes comandado pelo professor curitibano Alceu Camargo com apoio de sua esposa Vera, que era professora e à época diretora da escola e também tocava no grupo. As apresentações do grupo marcavam o encerramento das atividades da escola e contavam com a participação de músicos convidados de outros estados, pelo fato de o Espírito Santo não possuir número suficiente de instrumentistas. Este grupo veio a se tornar o embrião do naipe de cordas da Ofes.

Do ponto de vista da institucionalização e manutenção da orquestra pelo Estado, o ponto de partida foi o trabalho desenvolvido pela capixaba Sônia Cabral e pela paranaense Beatriz Abaurre na Fundação Cultural do Espírito Santo. Foi na gestão de Beatriz como diretora e Sônia como coordenadora da Divisão de Música Erudita que a última elaborou o projeto de criação da Orquestra (em 1977), o qual previa que dentro de 20 anos Vitória possuiria sua orquestra sinfônica.

Em Vitória havia duas posições contrárias, quando se pensava na possibilidade/necessidade de se ter uma orquestra. Algumas pessoas eram desejosas e trabalhavam pela disseminação da música erudita, inclusive buscando que a capital possuísse uma orquestra própria. Por outro lado, algumas pessoas públicas (dentre eles políticos, críticos e profissionais da mídia) apregoavam a falta de utilidade de se ter uma Orquestra Sinfônica por questões de repertório, oportunidades para concertos e principalmente seu custo elevado. Por essas razões, a ideia foi tomada como delírio e tratada com ironia.

As críticas e oposições à ideia não foram capazes de impedir a realização da Orquestra – mesmo porque, a orquestra existia de direito e se fazia presente em diversos momentos da vida capixaba – e a Ofes foi oficialmente criada em 1986.

No ano de 1976 o maestro português Vítor Marques Diniz foi convidado pelo casal Camargo para reger a Orquestra de Câmara da Emes. Após este evento, Diniz permaneceu no estado para dirigir a Orquestra de Câmara da Emes e o Coro da

---

<sup>6</sup> O retorno para a nomenclatura Ofes se deu para evitar litígios jurídicos com uma pessoa pública com presença na cultura local.

<sup>7</sup> Data da primeira apresentação.

Fundação Cultural. Segundo Magalhães (2011: 48), “A presença de Vítor Marques Diniz em terras capixabas traria para a cidade de Vitória, carente culturalmente desde o período dos jesuítas, justamente o tipo de bagagem européia que todos desejavam assimilar”.

Alguns meses mais tarde, Diniz regeu um concerto com os dois grupos de que estava à frente. O evento causou surpresa pelo fato ser a primeira apresentação de um grupo orquestral da cidade sem a presença de músicos de outros estados.

No início da temporada de 1977 a Orquestra passa a ser gerida pela Fundação Cultural do Espírito Santo, sob a denominação de Orquestra de Câmara da Fundação Cultural. Nunca houve um ato formal que marcasse essa transferência, mas através dela o Estado poderia administrar melhor o conjunto e assim contribuir para seu desenvolvimento.

Uma vez na Fundação, a Orquestra juntou-se ao Coro da Fundação Cultural formando um só grupo. Os dois se apresentavam sempre juntos, mesclando peças orquestrais e corais. Com o passar do tempo o repertório orquestral foi amadurecido. Paralelamente a isto, dois fatos mudariam os rumos da história: 1) a Fundação Cultural do Espírito Santo seria extinta e em seu lugar criado o Departamento Estadual de Cultura (DEC), subordinado à Secretaria de Estado de Educação e Cultura; 2) o Coro da Fundação se separaria da Orquestra, ficando cada um com seu regente específico (Vitor Diniz com o Coro que ele criara e Jaceguay Lins com a Orquestra). Após a separação, o coro gradualmente se dissolveu e acabou por ser extinto.

Durante a liderança do maestro pernambucano Jaceguay Lins, a “Orquestra Clássica” passou por inovações, sendo que a mudança de maior importância aconteceu em 1983, quando se deu a transformação em Orquestra Filarmônica do Espírito Santo. Tal transformação tinha como objetivo aumentar a receita da orquestra, uma vez que este período foi um dos quais o governo diminuiu o apoio ao grupo orquestral. Na forma de “Orquestra Filarmônica” era possível arrecadar recursos de pessoas físicas e jurídicas, com a dedução no imposto de renda. Nesse período, a ajuda de entidades e colaboradores foi fundamental para a não extinção da Orquestra.

O maestro Lins deixou o cargo em 1983 sendo substituído pouco tempo depois pelo gaúcho Wenceslau Moreyra, que comandou o grupo por menos de um ano. Em 1985, o maestro paulista Mario Cesar Candiani assumiu a função. Após sua chegada, concedeu uma entrevista, onde declarou que

## TÃO LONGE... TÃO PERTO...

# A MÚSICA MIGRANTE

8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012

A orquestra estava completamente desarticulada. Existem duas numa só, uma que tocava com as cordas, e a outra, dos metais, que tocava raramente. Também não havia uma unidade sonora e equilíbrio de timbres, fato que se dá apenas quando tocam juntos. (Candiani apud Magalhães, 2011: 106)<sup>8</sup>

O período em que Candiani esteve à frente da Orquestra (1985-1987) foi ainda mais inovador que o de Lins. Neste período, o grupo se desenvolveu consideravelmente, tanto musicalmente quanto na questão da gestão. Com isso, os jornais da época deram-lhe maior destaque e elogios.

O ano 1987 foi conturbado para a então Oses (lembrando que a criação oficial da Orquestra se deu em 1986, sob tal denominação) e, conseqüentemente, para a música erudita capixaba: o grupo ficou sem maestro, sem local para ensaios – estes aconteciam no Teatro do Centro Cultural Carmélia, que foi praticamente desativado por falta de incentivos – e o governador eleito retirou do poder pessoas que contribuíaam positivamente para o cenário do conjunto.

Com a chegada de um novo maestro, o mineiro Leonardo Bruno em 1988, a Orquestra Sinfônica passou a estar mais presente na vida cultural capixaba, graças aos concertos nos quais o maestro trazia músicos de renome na música popular e erudita, para assim “acostumar” o público ao repertório. A partir de então, “o reconhecimento do público vitorriense não se fez esperar e a Oses passou a apresentar um Repertório de alto nível técnico-artístico, nunca antes alcançado.” (Bruno apud Magalhães, 2011, p: 115)

Com a saída de Leonardo em 1992 do comando da sinfônica, o maestro sul-mato-grossense Helder Trefzger assumiu a liderança. Durante o período que ficou sob seu comando, a orquestra teve momentos bons, mas também passou por algumas dificuldades relacionadas a questões estruturais. Em entrevista concedida para o documentário *Sinfonia em Cena*, o maestro menciona problemas estruturais decorrentes desde a fundação do grupo, tais como: falta de sede própria, de sala de concertos, de sala de ensaios, de um arquivo com as partituras do repertório principal e problemas na aquisição de instrumentos maiores.

Em 2011, pela primeira vez na história da orquestra um músico capixaba assume a batuta: Leonardo David assume a função de maestro adjunto em substituição a Modesto Flávio.

---

<sup>8</sup> Com base no documentário *Sinfonia em Cena*, acredito que o grupo de metais mencionado seja a Banda de Música da Polícia Militar. Entretanto, não foram encontradas informações precisas acerca de como e quando se deu sua inserção na Orquestra.

Hoje, a Ofes está consolidada e é conhecida não só na capital, mas em todo o Estado devido aos Concertos Itinerantes, que permitem que as cidades do interior também sejam contempladas em suas temporadas. Além disto, os músicos adquiriram nível técnico elevado que os torna aptos para a execução de obras das mais trabalhadas e difíceis.

A orquestra tem reconhecimento em nível nacional e seus músicos são mais bem remunerados, com salários mais próximos aos de grupos semelhantes existentes em outros estados. Contudo, ainda não possui sede e locais de ensaio e concertos próprios. As “casas” que atualmente utiliza são concessões de parceiros.

#### **1.4 Orquestra Camerata Sesi**

Quando a Camerata Sesi iniciou seus trabalhos, por volta de 2003/2004, estava vinculada à Faculdade de Música do Espírito Santo (Fames), e não ao Sistema Findes. Por essa razão, o nome era outro: “Camerata Jovem da Fames”<sup>9</sup>.

Ela surgiu a partir da iniciativa do maestro capixaba Leonardo David, à época professor de violino da instituição, na tentativa de proporcionar a prática em conjunto e desta forma diminuir a evasão dos alunos. Foi então que pediu indicações aos outros professores dos instrumentos de cordas friccionadas e reuniu os poucos alunos da Faculdade – do Curso Superior e do Curso de Formação Musical (CFM)<sup>10</sup>.

Inicialmente as apresentações aconteciam nas, já extintas, Feiras da Música da Fames. Com a crescente visibilidade, o grupo passou a tocar também em eventos do governo e ficou conhecido como *Orquestra “Oficial” da Escola de Música*.

De acordo com Leonardo David, tal notoriedade incomodou algumas pessoas da Faculdade e a legitimidade da orquestra era questionada por não se tratar de uma disciplina. Somando isso ao fato de que a orquestra começou a precisar de recursos para se manter, o que não seria possível dentro da faculdade naquele momento, o maestro decidiu alugar uma sala em um prédio comercial no centro de Vitória para realizar os ensaios, arcando com as despesas. Como não tinham patrocínio, nenhum dos integrantes da orquestra (inclusive o maestro) era remunerado.

---

<sup>9</sup> O histórico aqui exposto foi obtido através de entrevista com o maestro Leonardo David, no dia 16 de novembro de 2011, na cidade de Vitória.

<sup>10</sup> Curso livre de música oferecido na Faculdade de Música do Espírito Santo “Maurício de Oliveira” voltado para a formação instrumental. No caso discutido aqui, trata-se do CFM em Música Erudita, portanto os instrumentos de cordas friccionadas mencionados são violino, viola, violoncelo e contrabaixo.

Na época o apresentador e colunista social Wesley Sathler passou a “facilitar” as apresentações da orquestra em eventos sociais. Após alguns meses, Leonardo foi apresentado por Sathler a Raquel Coser, presidente da Fundação Otacílio Coser. Esse contato resultou em um patrocínio à pequena orquestra de cordas. Com isso a até então Camerata Jovem da FAMES teve o nome trocado para Camerata do Espírito Santo. O patrocínio da Fundação Otacílio Coser trouxe grande visibilidade e possibilidade de convidar músicos solistas de outros estados para concertos.

Após um ano e alguns meses, Wesley Sathler convida a Camerata do Espírito Santo para tocar no Inverno Pedra Azul. Este evento resultou imediato apoio à orquestra, passando a mesma a ser patrocinada pelo Sesi (Serviço Social da Indústria, braço social do Sistema Fines).

O grupo passou a integrar o Sistema Fines e a ser denominado Orquestra Camerata Sesi. A partir desse momento, os músicos passaram a ser remunerados para tocar na camerata e lecionar. Além da remuneração dos músicos, o Sesi adquiriu um cravo e oferece materiais, espaço para ensaios e apresentações e recursos financeiros para as temporadas que ocorrem todos os anos. Em contrapartida a Camerata proporciona ao Sesi visibilidade e notoriedade.

### **A visão dos envolvidos**

Para esta parte do presente trabalho, tenho como base entrevistas realizadas com alunos, professores, músicos e maestros das instituições trabalhadas na seção anterior, além de uma parcela do público. Tais entrevistas tiveram como objetivo conhecer a opinião dos grupos referidos, além de buscar maiores informações acerca do cenário atual, uma vez que a bibliografia existente trata da história da constituição das instituições estudadas, não apresentando dados sobre o atual momento.

Ao analisar as entrevistas concedidas por músicos, alunos, professores e maestros, percebe-se que é comum a opinião de que o cenário da música instrumental de concerto obteve uma valorização e melhora considerável “de um tempo pra cá”. As falas levam a acreditar que o marco desta melhora é o último concurso realizado pela Ofes (2005). Através deste concurso passaram a fazer parte do quadro da Ofes músicos locais e de outros estados brasileiros, com formação mínima em bacharelado no seu instrumento.

A chegada destes novos músicos, com diferentes visões e maior nível técnico, possibilitou que o grupo preparasse repertórios mais complexos e de melhor qualidade. Possivelmente esse fator influenciou na melhora tão citada entre os músicos e na notoriedade da Ofes. Poucos anos depois do concurso realizado pela Ofes, a FAMES realizou um concurso para contratação de professores e membros da Ofes foram aprovados. Provavelmente esse fato contribuiu para a permanência destes músicos no estado.

Um aspecto apontado pelos entrevistados como indício de melhora do cenário da música instrumental de concerto diz respeito à formação de novos músicos, tanto no aspecto acadêmico, quanto na aquisição de instrumentos – uma vez que este é fator determinante na sua formação.

Assim, segundo a visão dos envolvidos no processo de execução de música erudita em Vitória, o cenário da música erudita vem crescendo. Entretanto, algumas questões merecem reflexão: os baixos salários dos músicos, a falta de concorrência e o relativo atraso em relação ao cenário dos estados vizinhos. Apesar disso, a capital Vitória – principalmente o trabalho exercido pela Orquestra Filarmônica do Espírito Santo – começa a ganhar visibilidade em âmbito nacional. Magalhães comenta tal visibilidade:

Nos dias atuais a Orquestra do Espírito Santo é uma instituição sólida com mais de trinta anos de história, goza de prestígio em nível nacional com sua temporada 2011 sendo considerada “*surpreendente*” pela jornalista Camila Frésca em artigo para a revista Concerto<sup>11</sup>. (Magalhães, 2011: 122)

De um modo geral, pude perceber que o público mais engajado musicalmente – músicos e estudantes de música – possuem visões mais críticas, analisando vários aspectos, em relação ao cenário erudito da capital. Apesar disso, é comum a opinião – também apresentada pelos envolvidos diretamente no cenário local – de que a música erudita vem ganhando valor e notoriedade perante a sociedade capixaba.

## **Reflexões e considerações finais**

As entrevistas mencionadas na seção anterior apontam para algumas opiniões comuns, tanto quanto à questão do cenário como quando o questionamento relaciona-se à questão do ensino musical. A fala mais presente diz respeito à sensível melhora do

---

<sup>11</sup> Publicação mensal de circulação nacional especializada em música erudita.

cenário nos últimos tempos, como mencionam vários dos entrevistados: “ainda não está satisfatório, mas vem melhorando consideravelmente”.

Merece menção o trabalho desenvolvido tanto por figuras do passado quanto atuais, dentre elas o maestro Helder Trefzger e seu antecessor Leonardo Bruno, que buscaram inserir a Orquestra Filarmônica do Espírito Santo na vida cultural do estado, influenciando e incentivando os capixabas a irem aos concertos, conhecerem o trabalho da Orquestra e assim formarem o público cativo – em crescimento.

Outra figura importante nesta história é a professora e musicista Sônia Cabral, pela formulação do projeto de formação de uma Orquestra Sinfônica do Espírito Santo e por seu trabalho enquanto diretora da Escola de Música do Espírito Santo.

Atualmente, os capixabas contam com apresentações mensais da Orquestra Camerata Sesi e quinzenais da Ofes – muitas vezes contando com a participação de músicos convidados como solistas – além de apresentações esporádicas de grupos da Fames. Além disso, existe a Série Concertos Internacionais, a partir da qual orquestras estrangeiras apresentam-se no Theatro Carlos Gomes (normalmente uma vez por mês) a preços populares.

Convém também lembrar o Festival Internacional de Inverno de Domingos Martins, que acontece anualmente durante o final do mês de julho, onde estudantes participam de oficinas com músicos convidados e podem assistir a diversas apresentações de música popular e erudita. O Festival é uma oportunidade para aprimoramento de estudos e de intercâmbio com estudantes de diversas partes do país.

Dentre as necessidades cito a inexistência de uma orquestra jovem. Antigamente questionava-se a necessidade de haver uma orquestra no Espírito Santo. Nos dias atuais, tal orquestra já possui grande qualidade e visibilidade nacional, assim como outros grupos estão ganhando presença no cenário da música instrumental de concerto – sendo o mais notável a Orquestra Camerata Sesi.

A cidade de Vitória está crescendo cada vez mais no campo da música erudita, e as perspectivas são promissoras para um futuro não muito distante. Entretanto, apesar dos avanços, o cenário ainda deixa a desejar. A opinião é compartilhada com Rohr, quando afirma que

Comparado aos demais Estados da Região Sudeste (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais), percebemos que, apesar do avanço ocorrido nos últimos anos, o Espírito Santo ainda tem atuação discreta no cenário cultural brasileiro, principalmente no tocante à música erudita, ou música de concerto. (Rohr, 2012: 15)

A realidade é que a sociedade capixaba ainda não está acostumada com uma ampla vida cultural, seja por falta de incentivos ou de oportunidades. Entretanto, ainda que o cenário de música erudita receba críticas e em alguns aspectos deixe a desejar, o mesmo está colocado de forma “proporcional” à realidade e seu visível crescimento pode auxiliar na transformação da vida cultural capixaba. Considero complicado exigir grande aceitação da música erudita por parte de uma sociedade que não possuiu uma extensa vida cultural.

A discussão realizada mostra que o caminho percorrido até aqui pela música erudita no Espírito Santo tem sido longo, mas já apresenta avanços. Espera-se que adquira, cada vez mais, qualidade e representatividade não só no cenário local como no nacional e o Estado esteja preparado para incentivar e receber novos músicos bem como para proporcionar formação satisfatória aos mesmos – desta forma reduzindo o histórico êxodo dos desejosos em alcançar níveis de formação não disponíveis em Vitória.

A música erudita “circula” pelo Espírito Santo de várias formas: solistas e maestros de diversas naturalidades e nacionalidades são convidados para se apresentarem juntamente com os grupos locais; a Ofes apresenta-se em municípios do interior do Estado através da Série Concertos Itinerantes; e os capixabas podem apreciar orquestras internacionais a partir da Série Concertos Internacionais. Além disto, mostrou-se inegável o fato de que a passagem e a presença de músicos oriundos ou formados em Estados que não o Espírito Santo contribuiu positivamente no cenário da música erudita na capital do Estado. Nesse processo migratório, estes personagens foram agregando técnicas e experiências que, somadas às suas características individuais, acabaram por caracterizar a música erudita existente em Vitória.

## Referências

Beard, David; Gloag, Kenneth. 2005. *Musicology the key concepts*. London & New York: Taylor & Francis e-Library.

Budasz, Rogério. 2009. “Música e Cultura”. In: Budasz, Rogério (Org.). *Pesquisa em música no Brasil: métodos, domínios, perspectivas*. Goiânia: ANPPOM, 40-86.

Carneiro, Catarina Mattedi; Ribeiro, Daniela Ramos. 2010. *Notas sobre a Fames: a história da primeira instituição de ensino musical do Espírito Santo*. Vitória: DIO.

Concerto. 1994. In: SADIE, Stanley (Ed.). *Dicionário Grove de Música*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Dias, Sérgio; Fonseca, Modesto Flávio; Secomandi, Carlos Fernando. 2006. “Um projeto “música e história no Espírito Santo”: Pioneirismo e possíveis portais”. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 7, 2006, Juiz de Fora. *Anais/VII Encontro de Musicologia Histórica*; 21 a 23 de julho de 2006. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 55-66.

Klausner, Tiberius. 1968. “O músico de orquestra e a comunidade”. In: Swoboda, Henry (Org.). *O mundo da orquestra sinfônica*. Rio de Janeiro: Fórum, 87-95.

Magalhães, Juca. 2011. *Da Capo: de volta às origens da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo*. 2ª Edição revista e ampliada. Vitória: Editae Comunicação.

Música clássica. 1994. In: Sadie, Stanley (Ed.). *Dicionário Grove de Música*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Raynor, Henry. 1981. *História social da música, da idade média a Beethoven*. Rio de Janeiro: Zahar.

Ribeiro, Fabíola Zardini. 2004. *Sinfonia em Cena: Redescobrimo a Orquestra Filarmônica do Espírito Santo*. Apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso como pré-requisito para graduação em Jornalismo, na Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória.

Rohr, Raquel. 2012. *A obra para violoncelo de Alceu Camargo aspectos históricos e didáticos*. Vitória: Raquel de Almeida Rohr de Oliveira Isidoro.

Thompson, Cláudio. 2011. *Alceu Camargo um homem a seu tempo*. Vitória: DIO.

Livia Rodrigues Batista nasceu em Vitória no ano de 1989. É Licenciada em Música pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde integrou o Grupo de Experimentação Sonora (Gexs) – o qual teve uma obra selecionada para exposição na Galeria de Arte e Pesquisa (GAP) da UFES. Aluna de Contrabaixo do Curso de Formação Musical (CFM) da Faculdade de Música do Espírito Santo (Fames) e Contrabaixista na Orquestra Experimental de Cordas da Fames. O artigo “O cenário da música erudita em Vitória” originou-se em um subprojeto de iniciação científica vinculado ao projeto *A Música e O Lugar da Música* coordenado pela Profa. Mônica Vermes, o qual obteve apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes).

livia-rb@hotmail.com